

O EMPREGO DO CONECTOR *E* NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NO DISCURSO DE MÁRIO DE ANDRADE

Benedita Vieira de Andrade (IFPB)
benedita.v@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos analisar representações discursivas de Câmara Cascudo propostas no discurso de Mário de Andrade. O material de análise é constituído por textos que integram o volume *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944*, organizado por Marcos Antônio Moraes (2010). Os textos analisados pertencem, portanto, ao gênero discursivo das correspondências pessoais. Desse universo, será trabalhada uma amostragem com alguns enunciados mais representativos para análise das Rd propostas nas cartas de Mário de Andrade. Por meio dessa correspondência, foram criados, reforçados e mantidos laços sociais e de amizade entre os dois intelectuais. A relação que se estabeleceu entre ambos através das cartas ultrapassou as fronteiras da formalidade, convergiu para o nível pessoal e resultou em estreitos laços de amizade. A escolha desse corpus foi motivada pela relevância histórica, literária e cultural desses textos, bem como do interesse de melhor conhecer seus autores, personalidades de grande influência para a história da literatura e do folclore brasileiro.

Vamos analisar como Câmara Cascudo é representado discursivamente por Mário de Andrade nos textos que integram a correspondência. Propõe-se, pois, a analisar como se constrói e se reconstrói a representação discursiva do intelectual por meio da categoria conexão, mais especificamente por meio do emprego do conector *E*. Nosso objetivo, portanto, é descrever, analisar e interpretar como as representações discursivas focalizadas são construídas por meio dessa categoria de análise. Para tanto, buscamos respaldo teórico, principalmente, na Análise textual dos discursos (ATD), proposta pelo linguista francês Jean-Michel Adam.

Foi utilizado para esta análise o recorte de 12 cartas de Mário de Andrade. Destes textos foram extraídos 13 enunciados, que foram numerados em ordem sequencial, como (1MA1), (2MA1). O primeiro número identifica a carta, numerada em ordem cronológica. O segundo número, depois das iniciais MA (Mário de Andrade), identifica o enunciado, numerado em ordem sequencial dentro do mesmo texto. Assim, se foram analisados dois enunciados no mesmo texto, por exemplo, o texto (7MA), eles recebem a seguinte codificação: (7MA1) e (7MA2). Selecionamos trechos de cartas que melhor atendem aos nossos objetivos neste trabalho; ou seja, vamos mostrar só trechos que evidenciam representação discursivas de Câmara Cascudo por Mário de Andrade construídas pela categoria conexão.

Iniciaremos apresentando e contextualizando o corpus da pesquisa, fazendo uma descrição dos temas, conteúdos e propósitos dos textos que compõem a correspondência. Em seguida, apresentaremos algumas discussões relativas ao quadro teórico que embasa esse estudo, destacando a categoria semântica que embasará a análise dos textos. Por último será apresentada a análise de alguns enunciados extraídos dos textos selecionados para esse trabalho, em que se procedeu a um recorte com textos em que o conector *E* é empregado para construir a representação discursiva do natalense. Dessa forma, serão analisados apenas enunciados que representam discursivamente Luís da Câmara Cascudo.

1 CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE: 20 ANOS DE CORRESPONDÊNCIA

A correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade inicia-se em 1924, quando o escritor paulista escreve uma carta de agradecimentos (carta datada de 14/08/1924) pelo artigo “O Sr. Mário de Andrade” publicado na revista *A Imprensa* de Natal. Nesse artigo repleto de erudição, publicado em 11 de junho de 1924 e remetido a Mário pelo próprio articulista, Cascudo elogia o “singular temperamento” do poeta de *Pauliceia desvairada*. O escritor paulista é sensibilizado pela “inteligência viva e eficaz” do nordestino, de quem não mais se esquecerá. Os elogios e a erudição do escritor potiguar tocam o calcanhar de Aquiles do *ressabiado tatu*, que declara: “Acredite que não me esquecerei mais de você [...]. Meu ponto vulnerável é a confirmação das inteligências fortes. Você tocou-me rijo” (carta 1-MA). Nessa mesma carta Mário confessa que já conhecia Cascudo através de um artigo lido na *Revista do Brasil*. Simpatia à primeira carta, os dois intelectuais se afinam nas opiniões, ideias e gostos literários. Essa afinidade, que ultrapassa a esfera da intelectualidade, para além das almeçadas relações familiares, vai culminar com a relação de compadrio, sem excluir, porém, momentos de tensão. Tensão que nunca afetou a amizade, que ambos souberam muito bem separar da concepção que tinham de produzir arte: “Não é por causa duma opinião contrária a um livro meu que diminuirá um minutinho de minha amizade por você” (carta 21-MA) dizia Mário ao amigo, que, por seu turno, declarava em 1944 “Naturalmente não somos padre e sacristão para viver rosnando ‘amém’ quando o outro diz qualquer coisa” (carta 156-LCC).

Quanto ao conteúdo, os textos de que nos ocupamos apresentam-se bastante heterogêneos em relação aos temas tratados. Assuntos os mais diversos permeiam o universo dessa correspondência, como pedidos específicos de envio de livros, revistas, fotografias, algum poema em particular; pedido de informação sobre fatos e pessoas, esclarecimentos sobre o uso de determinada palavra ou expressão; troca e pedido de opinião; troca de informações sobre livros, revistas, eventos; impressões sobre texto ou pessoa específicos; impressões sobre a escrita. E muitas outras impressões, sugestões, e elogios. As cartas têm o condão de manter e estreitar os laços de amizade. Têm também a função de apresentar poetas menos conhecidos no meio literário. As cartas registram os projetos literários, o pensamento, as ideias, os ideais, o dia a dia desses dois grandes intelectuais brasileiros, que vão conquistando confiança recíproca que permite a ambos expressar os mais sinceros sentimentos.

Importante documentário da vida intelectual brasileira durante duas décadas, essa correspondência acompanha e registra todos os eventos culturais, sociais, políticos e econômicos da época (1924-1944). Também encontramos concepções sobre lugares, o povo e seus costumes. A correspondência também registra a construção de obras literárias que viriam a se tornar célebres anos depois. Trabalhos e ideias em processos, que vão sendo detalhados e que garantem à correspondência, como afirma Moraes (2010, p. 374), o estatuto de “memória da criação”. Vemos também através dessa correspondência uma radiografia da forma de se expressar desses dois grandes estudiosos, retratada por meio do discurso, que vai construindo, através das imagens propostas, uma representação do estilo de cada um. E, ainda, a crítica literária séria, com comentários elucidativos da obra um do outro feitos pelos dois amigos.

2 QUADRO TEÓRICO: ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS (ATD)

A Análise Textual dos Discursos, elaborada pelo linguista francês J.-Michel Adam, é uma abordagem teórica e metodológica que se insere no campo da Linguística Textual e tem como objetivo pensar o texto e o discurso em novas categorias. Adam articula sua proposta de linguística textual e análise de discurso sobre novas bases e “situa decididamente a linguística textual no quadro mais amplo da análise do discurso” (2008, p. 24). A Análise Textual dos Discursos (doravante ATD) se propõe constituir como alternativa para atender à demanda por

propostas concretas para a análise de textos. Uma teoria do texto e suas relações com o domínio mais vasto do discurso se oferecem como um novo quadro e uma indispensável coerência para as diferentes ciências da linguagem. Essa abordagem se justifica, segundo o autor, pela necessidade de uma teoria do texto que, relacionada a outros domínios discursivos, venha descrevê-lo em toda a sua complexidade. Assim, ao propor uma reflexão epistemológica e uma teoria de conjunto, ele argumenta que o texto é um objeto empírico tão complexo que sua descrição poderia justificar o recurso a diferentes teorias, mas o que se faz necessária é uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso. Nessa perspectiva, Adam (2008) define as bases da ATD, com a proposta de delinear uma alternativa para a explicação de texto tradicional e a análise estilística. Com efeito, ele substitui o termo “análise textual” por “análise textual dos discursos”. Assim, segundo entendimento de Passeggi et al (2010), muitas das afirmações de Adam referentes à Linguística Textual caracterizam, na verdade, sua proposta de Análise Textual dos Discursos e é dessa forma que os autores as utilizam e que também nós as retomamos aqui.

Adam (2008) entende que a linguística textual e a análise do discurso se desenvolveram independentemente uma da outra. Assim, propõe articular uma linguística textual desvinculada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da análise de discurso francesa. Sua proposta tem como base uma reflexão epistemológica e uma teoria de conjunto sobre a análise de textos. Situando a linguística textual no quadro mais amplo da análise do discurso, o autor postula, ao mesmo tempo, “uma separação e uma complementariedade das tarefas e dos objetos da linguística textual e da análise de discurso” (ADAM, 2008, p. 43). Para o autor, a LT é um subdomínio de outros domínios, da ciência e do discursivo. Quanto à ATD, ele a define como um relacionamento da análise textual advinda da linguística textual para aplicá-la à análise do discurso. Nessa proposta, a LT é concebida como teoria geral e a ATD como estudo do texto singular. Adam insere a ATD no âmbito da LT, reivindicando-lhe o status de “uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (2008, p. 23).

Com a expressão “co(n)textual”, Adam põe em destaque a importância do cotexto e do contexto para a interpretação de qualquer texto. Para ele, a interpretação de enunciados isolados tem que se apoiar na reconstrução de enunciados à esquerda e / ou à direita (cotexto), bem como na operação de contextualização, a qual consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado. Daí a opção pelo termo “co(n)texto”.

2.1 NÍVEIS DA ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

Soares, Passeggi e Silva Neto (2010), analisando um discurso político, revisitam os níveis de análise textuais/discursivos propostos por Adam (2008), simplificando sua organização e condensando-os em quatro níveis principais: sequencial-composicional, enunciativo, semântico e argumentativo. O nível sequencial-composicional refere-se diretamente à estrutura linear do texto. Neste nível, as sequências têm papel fundamental. Os enunciados elementares (proposição-enunciado) se organizam em períodos, que compõem as sequências. Estas se agrupam de acordo com um plano de texto.

O nível enunciativo, que se expressa linearmente, mas também pode corresponder a uma estruturação não linear do texto, é baseado na noção de *responsabilidade enunciativa*, que corresponde às vozes do texto, à sua polifonia. A explicitação da responsabilidade enunciativa, conforme observam os autores, apresenta diversas características não lineares.

Os níveis semântico e argumentativo, à semelhança do nível enunciativo, também são expressos linearmente, também podendo corresponder a uma estruturação não linear do texto. O nível semântico se apoia na noção de *representação discursiva* e em noções conexas, que remetem ao conteúdo referencial do texto: anáforas, correferências, isotopias, colocações. O nível argumentativo é embasado nos atos de discurso realizados e na sua contribuição para

a orientação argumentativa do texto. Em virtude de nossos objetivos de pesquisa, vamos nos apoiar no nível semântico.

Nas cartas de Câmara Cascudo e Mário de Andrade, as imagens dos missivistas são elaboradas em várias cartas e se constroem ao longo da correspondência, em pontos não sucessivos, por meio de diversos recursos linguísticos. As representações vão sendo mantidas, reformuladas, modificadas, uma vez que os textos se sucedem no tempo. Os pontos de vista e, conseqüentemente as representações, também vão sendo modificados.

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS

A representação discursiva é uma das principais noções utilizadas pela ATD para o nível semântico do texto. Essa noção, juntamente com as de correferência, anáfora, isotopia e colocação (Cf. ADAM, 2008, cap. 3), compõe o conjunto de categorias da ATD mais diretamente vinculadas à semântica.

A noção de representação discursiva (Rd) que será aqui utilizada é apreendida, principalmente, da obra de Adam e autores que o seguem, como também de Grize (1997). De forma simplificada, a representação discursiva seria a “imagem” do locutor, do auditório, ou do tema tratado proposta pelo discurso. Sempre que se enuncia ou se lê uma proposição está-se construindo uma representação discursiva. Essa Rd que se constrói é suscetível de ser confirmada ou invalidada, modificada ou complementada por outras proposições. Vemos, assim, que as Rds não são dadas, mas construídas a partir da realidade apresentada pelo texto. É o texto que propõe o sentido, conforme postula Adam (op. Cit.), e, assim, o sentido de um texto pode ser descrito como uma imagem mental que o receptor constrói da realidade tal qual esta lhe é oferecida pelo texto. Em harmonia com esse pensamento de Adam, o texto é uma proposição de sentido que o interpretante é convidado a (re)construir. O sentido de um enunciado é inseparável dessa atividade de reconstrução. O sentido de um enunciado (o dito) é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significante que o texto convida a (re)construir. É nesse sentido que vamos abordar as representações discursivas: toda Rd é, semanticamente, construída pelo interpretante a partir do texto, conforme propõe Adam (2008, p. 114).

É o interpretante que constrói a Rd a partir dos enunciados (esquematisação), em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções) e de suas representações psicossociais da situação, do enunciador e do mundo do texto, assim como de seus pressupostos culturais.

Com a escolha da expressão “construção de uma representação discursiva”, pretende-se dar a entender que a linguagem faz referência e que todo texto é uma proposição de mundo que solicita do interpretante (auditor ou locutor) uma atividade semelhante, mas não simétrica, de (re)construção dessa proposição de (pequeno) mundo ou Rd (Aspas do autor).

Adam aceita a ideia de que a língua, embora não possa dizer tudo, faz referência ao mundo, às palavras, à própria situação de enunciação e aos co-enunciadores. E o texto é “uma proposição de mundo (Rd) e de sentido, um sistema de determinações e um espaço de reflexividade metalingüística.” (cf. 2008, p. 115). Todo texto constrói uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados. A proposição enunciada (unidade textual elementar) também possui um conteúdo referencial, um valor descritivo e, portanto, constitui uma representação discursiva mínima:

A atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável. Esse microuniverso semântico apresenta-se, minimamente, como um tema ou objeto de discurso posto e o desenvolvimento de uma predicação a seu respeito. A forma mais

simples é a estrutura que associa um sintagma nominal a um sintagma verbal, mas, de um ponto de vista semântico, uma proposição pode muito bem se reduzir a um nome e um adjetivo (ADAM, 2008, 113-114).

A proposição-enunciado, tal como é esquematizada por Adam (2011, p. 111) apresenta três dimensões: referencial, enunciativa e argumentativa. A “imagem” do conteúdo proposicional (Rd) figura na dimensão referencial (A): referência como representação discursiva construída pelo conteúdo proposicional. A atividade de referência constrói uma imagem dos objetos de discurso, posto que “cada expressão utilizada categoriza ou *perspectiva* o referente de uma certa maneira” (cf. RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010, p. 173).

Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010) observam que, embora a proposição enunciada constitua uma representação discursiva mínima, quando se trata do funcionamento textual típico, uma Rd é habitualmente composta por um conjunto de proposições e uma rede lexical. Dessa forma, a noção de representação discursiva pode se realizar na frase, no período, na sequência e no texto. Uma dada representação discursiva pode ser construída em vários pontos do texto, não necessariamente sucessivos.

No esquema da comunicação proposto por Grize (1997), um locutor A, em uma situação de interlocução e diante de um interlocutor B, constrói uma representação discursiva (por definição, uma esquematização) dos assuntos tratados T. B reconstrói a esquematização que lhe é proposta e também constrói suas representações, de A e de T. Nessa teoria, A deve construir representações tanto dos temas (T) como do interlocutor ou auditório (B). Ressalte-se que a representação não é de B, mas de alguns de seus aspectos, como saberes, intenções e valores. A constrói também uma representação de si. Para o autor, toda situação de comunicação oral ou escrita origina uma esquematização e essa atividade cria os sentidos.

Convém destacar, em harmonia com Grize (1997), que uma esquematização nem sempre constrói imagens, mas ela contém marcas que ajudam na sua reconstrução. A atividade de reconstrução consiste na interpretação da esquematização e se baseia nas representações, nos pré-construídos e nas finalidades dos interlocutores. As imagens, enquanto objetos textuais, diferem das representações. Estas podem ser inferidas a partir daquelas. Dentro dessa abordagem, o autor entende que os interlocutores constroem as representações a partir das imagens que o discurso propõe. Essas imagens são basicamente de três tipos (cf. PASSEGGI, 2001, p. 249):

- imagem do locutor: im (A)
- imagem do destinatário: (im (B)
- imagem do tema tratado: im (T)

Há, portanto, três representações elementares que se combinam igualmente entre si: aquelas que o locutor A tem de si mesmo, aquela que ele tem do ouvinte B e aquela que ele tem daquilo sobre o que se fala T (tema abordado).

2.2.1 CATEGORIAS PROPOSTAS POR ADAM PARA ANÁLISE DAS Rds

Em nosso trabalho, redefinimos, com base em PASSEGGI *et al* (2010), algumas categorias propostas por Adam (2008 [2001]) para a sequência descritiva. Dentre elas, destacam-se a tematização, a aspectualização, a relação e a conexão. Para este trabalho, vai interessar especificamente a conexão, que será concebida com base em Adam e complementada com outros da textos da LT.

2.2.1.1 A conexão

A conexão é uma operação que assegura o agrupamento das proposições-enunciado. Essas proposições se organizam em períodos, que compõem as sequências. O período é, conforme Adam (2008), uma unidade textual que articula proposições e sequências e resulta das mais variadas formas de ligações, incluindo as ligações por conexão, que são asseguradas por conectores. Assim, um período pode corresponder a várias proposições, ligadas pelo critério de conexão.

Adam (2008, [2011] cap. 3) aborda como fatores de textualidade cinco tipos de ligação das unidades textuais de base: ligações do significado, ligações do significante, implicações, conexões e sequências de atos de discurso. Aqui vamos reter a conexão; nessa operação, estão os **conectores**, os **organizadores** e os **marcadores**. Na classe dos conectores, ele distingue três tipos de marcadores de conexão: os conectores argumentativos, os organizadores e marcadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa. Esses conectores têm a função de ligação semântica entre palavras, proposições, conjuntos de proposições e porções de texto; marcando, assim, uma conexão entre duas unidades semânticas. Seu emprego e função variam de acordo com o gênero de discurso. Seu funcionamento varia conforme os tipos de textualização, ocorrendo, normalmente com mais frequência, em textos descritivos e argumentativos do que em textos narrativos.

Para Adam (op. cit.), os organizadores textuais exercem papel decisivo no balizamento dos planos de texto. Dentre esses conectores, ele distingue os que ordenam as partes da representação discursiva nos eixos do tempo e do espaço e os que estruturam a progressão do texto e a indicação de suas diferentes partes. A combinação dos organizadores textuais e temporais tem o condão de ajudar o leitor a construir um todo coerente. Dentre os marcadores de escopo de uma responsabilidade enunciativa, situam-se os marcadores de quadros mediadores (indicando que uma porção do texto não é assumida por aquele que fala, mas mediada por uma voz ou PdV oposto). Recorrência a tempos verbais e a conectores concessivos são algumas das formas de indicar um quadro mediativo.

Os conectores argumentativos dependem da estrutura textual (*níveis da análise textual dos discursos*), da responsabilidade enunciativa e da orientação argumentativa. Eles associam as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados. Esses conectores também

[...] permitem uma reutilização de um conteúdo proposicional seja como um argumento, seja como uma conclusão, seja, ainda, como um argumento encarregado de sustentar ou de reforçar uma inferência, ou como um contra-argumento. São postos, nessa categoria, tanto os argumentativos e concessivos (*mas, no entanto, entretanto, porém, embora, mesmo que...*) quanto os explicativos e os justificativos (*pois, porque, já que, se – é que...*), o *se* dos hipotéticos reais e ficcionais, o *quando* dos hipotéticos reais e os simples marcadores de um argumento (*até [até] mesmo, aliás, por sinal, além do mais, não apenas...*). (ADAM, 2008, p.189).

Adam (2008) retém quatro categorias de conectores argumentativos: conectores argumentativos marcadores do argumento, conectores argumentativos marcadores da conclusão, conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte e conectores contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos.

Segundo classificação de Adam ([2008] 2001, p. 179-196) os conectores podem ser distribuídos nas seguintes categorias:

- **Organizadores textuais:** espaciais, temporais e enumerativos.
- **Conectores argumentativos:** marcadores do argumento, marcadores da conclusão, contra-argumentativos marcadores de um argumento forte e contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos.

Neste texto, vamos nos concentrar nos organizadores textuais, mais especificamente, os enumerativos. Segundo Adam (2011, p. 183), os enumerativos “segmentam e ordenam a matéria textual, combinando muitas vezes valor de ordem com valor temporal”. O conector “e”, como enumerativo, para Adam, tem valor de simples aditivo. Dessa forma, recorreremos a Tavares (2012) para complementar nossa análise. A autora focaliza nesse estudo valores como **consequência, sequenciação textual e sequenciação temporal** para o conector “e.” A sequenciação textual ordena os enunciados na sequência em que ocorrem no texto. Já a sequenciação temporal assinala a sequência de tempo em que ocorrem os fatos descritos nos enunciados legados por esse conector.

Neves (2006, p. 223), seguindo linha de orientação funcionalista, entende que a conexão, que abrange os mais diversos tipos de estruturação de superfície, é especificada por uma relação semântica de junção (ou conjunção). Trata-se, segundo a autora, de “[...] um conjunto de relações semânticas entre orações, entre complexos oracionais, entre trechos de texto, explicitados por um sem número de expedientes”, não apenas pelas conjunções, as quais não são, por si mesmas, elementos coesivos. As conjunções são indiretamente elementos coesivos, quando no discurso o seu significado faz pressupor a presença de outros elementos. Convém destacar que os marcadores textuais (ou articulares textuais) são multifuncionais e têm constituído importante objeto de pesquisa da LT através dos tempos.

3. ANÁLISES

Sabemos que uma representação discursiva não apresenta caráter linear, ela pode ocorrer em partes não sucessivas do texto, podendo ser confirmada ou invalidada, modificada ou complementada. No caso do nosso corpus, em que os textos se sucedem no tempo, uma Rd que se mantém no espaço de vinte anos, sem modificação, é quase impossível. Dessa forma, focalizamos apenas aquelas representações que foram confirmadas nos treze enunciados dos doze textos selecionados. Dessa amostra, interpretamos um conjunto de representações, que foram organizados em dois grupos, categorizados como **representações do escritor** – aquelas mais específicas da forma de expressão escrita – e **representações do amigo** - as representações voltadas para a relação de amizade entre os dois escritores.

REPRESENTAÇÕES DO ESCRITOR

(1MA1) As suas “Reminiscências” me causaram uma impressão profunda. [Não tenho] a menor hesitação em dizer que considero essa página admirabilíssima. É uma realização quase perfeita e comove imensamente na sua sinceridade, no seu vácuo.

(2MA1) Às vezes tenho impressão que você escreve um pouco depressa os seus versos e deixa como saíram sem se importar mais com eles [...] Você é tão natural tão verdadeiro nestes poemas que a gente quase que não escuta a dicção de você porque ela desaparece e fica a impressão o quadro que você descreveu vibrando sozinho desimpedido e bonito.

(3MA1) Dos modernos do Nordeste é você incontestavelmente muito superior aos outros, sem mesmo, dentre os que eu conheço, possibilidade de comparação. [...] Mande coisas e cartas. A fala serelepe de você dá na gente, espeta, pinga, chuça, faz cócega, é engraçada e sagui. Me diverte e é verdadeira, por isso além de divertir comove.

(4MA1) E mude sua opinião sobre maneira de fazer obra-de-arte que sobre esse ponto de parir só e não educar depois está positivamente errada.

(5MA1) Agora mesmo escrevi um artigo pra *Mocidade* sobre as Tendências da Poesia Modernista no Brasil, só citei dois poemas e um deles é o primeiro daqueles três que você me mandou, se lembra? Acho mesmo que você devia continuar essas impressões de agreste tão sugestivas e tão simples.

(6MA1) Praquê que você em vez de dar fim pras *Lendas e Tradições* já encaminhadas se mete fazendo mais projeto de livro e inda mais o enorme do livrão em três volumes que projetou? Que o projeto é cotuba nem se discute porém o que vejo nessa porrada de projetos encolarados é o espírito dispersivo se intrometendo na dança e não deixando você puxar fieira direito. Tome cuidado com isso.

(7MA1) Mas nunca deixei de considerar o valor de você e a sua inteligência. Minha convicção é que você vale muito mais de que o que já produziu.

(7MA2) Há nos trabalhos de você dois erros que em trabalhos técnicos, me parecem fundamentais, a falta de paciência e o desprezo da medida [...] seu desprezo da medida faz com que até agora não tivesse paciência pra escrever, senão um livro, pelo menos uma monografia de tema especializado, sobre folclore ao menos do R. Grande do Norte, pra não dizer Nordeste [...]

Nesses enunciados, inferem-se representações da forma de expressão de LCC, como espontaneidade, simplicidade e pressa. Nos enunciados (1MA1), (3MA1) e (5MA1), constroem-se representações como simplicidade e naturalidade. Em (2MA1), (4MA1), (6MA1) e (7MA2), podem-se interpretar aspectos como presa, falta de paciência e dispersão como traços do estilo do escritor paulista. Em (7MA1), MA destaca o valor do escritor e sua a inteligência.

Em (2MA1), (4MA1) e (7MA2), MA chama a atenção do amigo para o cuidado com a escrita apressada, alertando sobre a importância da revisão, da releitura do que se produz. Nesse ponto e em outras partes da correspondência, fica sugerido que o escritor natalense não tinha o hábito de refazer, reelaborar seus escritos, o que leva o amigo a apontar, como defeito nos trabalhos de LCC, a falta de paciência. Para Mário, esses defeitos poderiam ser corrigidos com a releitura, pois fazer obra de arte, na concepção do paulista, não é “parir só e não educar depois”. O escritor paulista sempre insistia nesse aspecto da revisão, do trabalho refletido e argumentava que sem paciência e trabalho refletido não tem quase obra que seja grande. Embora chame a atenção do amigo para a escrita apressada, MA elogia a naturalidade e espontaneidade dos versos sugestivos do escritor potiguar, incentivando o amigo, em (5MA1), a continuar “essas impressões de agreste tão sugestivas e tão simples”. As impressões sugestivas e simples seduzem o enunciador, levando-o a considerá-las como realizações que expressariam as tendências do Modernismo.

Em (2MA1), MA chama a atenção do amigo para a forma apressada de escrever. De forma bastante sutil, atenuada pelo modalizador “tenho impressão”, o enunciador aponta para a falta de revisão dos versos escritos por Cascudo, sugerindo a ausência dessa prática nos textos do potiguar. O conector “e”, em suas duas ocorrências tem valor temporal. Ordena no tempo os enunciados “escreve depressa” e “deixa como saíram” e “[...] desaparece e fica...”.

O emprego metafórico da forma verbal “saíram” sugere a prática de uma escrita improvisada e resultante de entusiasmo momentâneo. A anáfora pronominal fiel “eles” garante a continuidade referencial da designação do objeto “os seus versos” e ancora a predicação “sem se importar mais”, indicando a falta de revisão e reelaboração desses versos. A representação que se constrói nesse enunciado é posta numa relação de causalidade, cujo efeito é delineado na analogia com outros elementos: *expressão* e *quadro*. Esses elementos constroem o quadro de referência para a representação de LCC, ancorada na naturalidade e autenticidade do estilo do escritor. A metáfora do quadro “vibrando sozinho desimpedido e bonito” acrescenta um aspecto emocional àquilo que é dito, reforçando a ideia de naturalidade da escrita de LCC.

Em (4MA1), em sequência textual predominantemente injuntiva, MA exorta LCC a reescrever seus poemas, aperfeiçoá-los e enviá-los para ele. Em seguida, adverte o amigo sobre a maneira de conceber obra de arte. Essa advertência é introduzida pelo conector “E”, o qual articula as proposições e dá continuidade aos argumentos desenvolvidos no período anterior. O efeito de sentido produzido pelo “E”, nesse fragmento, além de contribuir para formar com os períodos anteriores uma unidade de sentido, é de arremate. O “E” introduz o desfecho da sequência. No período anterior, é apresentada uma série de argumentos em defesa da necessidade da revisão, em que Mário incita Cascudo a retrabalhar os seus versos. Fechando a sequência, o período iniciado pelo conector “E” apresenta a real intenção de MA: alertar o amigo sobre “sua [de LCC] opinião sobre maneira de fazer obra-de-arte” que estaria “positivamente errada”.

REPRESENTAÇÕES DO AMIGO

(8MA1) Os outros são paulistas, são daqui mesmo e você é brasileiro; e de tão longe um dia me ofereceu mão tão apertando que me deu confiança verdadeira.

(9MA1) É bom encontrar um homem como você, que soube ser eficaz na sua própria terra e aí ficar vivendo, pra comentar um bocado essa coisa horrorosa que está se passando por aqui.

(10MA1) A ideia de ficar compadre de você, crismando o Fernando Luís, me iluminou. [...] E me é doce ver como os passos da vida vão se fechando em torno de nós, a amizade vai se cerrando, os laços se amarrando e a gente pode nessas redes firmes sossegar um bocado do que vai lá fora.

(11MA1) Mais e muito mais você tem, não o direito, mas o dever de exigir de mim, por tudo quanto já tem sido nossa perfeita camaradagem que cada vez mais se estreita. Duma atração mútua para camaradagem pouco distou. Depois insensivelmente de camaradagem pra cordialíssimo prazer de dois seres juntos passamos insensivelmente. E insensivelmente fomos passando disso pra essa coisa mais magnífica e rara em que a palavra amigo não tem mais o sentido cotidiano em que todos a empregamos mas já vem de raízes inamovíveis.

(12MA1) O retrato, você é retratista bom, está muitíssimo parecido e ponhamos que regularmente favorecido, o que vai em conta, não da amizade, o que era insulto, mas em conta da perfeita compreensão que entre nós existe, e que de dois literatos que se escrevinhavam cartas, acabou fazendo esta amizade de hoje, mais que admirável, verdadeiramente necessária para mim.

Nos enunciados (8MA1), (9MA1), (10MA1), (11MA1) e (12MA1), são construídas representações para a relação de amizade entre MA e LCC. Podem-se inferir representações para uma amizade sincera e verdadeira e para o fortalecimento dessa relação que se torna necessária para o escritor paulista.

Em (8MA1), MA compara LCC com outros amigos. Essa comparação se baseia na oposição entre as nacionalidades brasileira e paulista. Para indicar a procedência dos outros

amigos, MA emprega o dêitico espacial “daqui”, tomando como referência o lugar da enunciação, confirmando a informação expressa pelo adjetivo pátrio “paulistas”. Quanto ao amigo nordestino, MA o qualifica como “brasileiro”, incluindo nessa qualificação significação que vai além daquela que se inscreve na acepção usual do termo. Para MA, brasileiros eram todos os que se encontravam na grande vastidão do Brasil que ele, Mário, não conhecia, principalmente os que procediam do Norte/ Nordeste. O amigo natalense era brasileiro, brasileiro de terras longínquas, brasileiro que num gesto de amizade tornara-se confiável. O conector “e” enumera as qualidades que Mário aprecia no amigo “brasileiro” e “de tão longe” e que lhe dão confiança verdadeira.

Em (9MA1) e (10MA1), pode-se construir a representação de uma amizade sincera em que MA encontra no amigo um confidente, com quem pode abrir o coração e compartilhar suas aflições, preocupações e inquietudes.

Em (10MA1), a Rd da relação de amizade entre MA e LCC é construída pela operação de conexão, sobretudo pela associação semântica entre as palavras. Esse procedimento constitui a coesão lexical do texto, abrangendo as relações de significado que são criadas entre unidades lexicais, como substantivos e verbos, motivando uma aproximação semântica entre tais unidades. Há, assim, uma convergência das palavras quanto ao sentido que expressam, de forma que “passos da vida”, “amizade” e “laços” se associam e entram em correlação com as formas gerundivas “fechando”, “cerrando”, “amarrando”. Observe-se que essas formas compõem o quadro de referência que constrói o cenário do texto, ancorado na analogia com o laço que se amarra, o que representa o vínculo afetivo, a relação de amizade que se firma. Para retomar todas essas ações, o enunciador emprega o termo “redes firmes”, fazendo um sumário de todo o período precedente. Essa expressão nominal substitui toda a predicação precedente e ainda a recategoriza: todos os laços são rotulados como “redes firmes”, expressando a solidificação do relacionamento. Para MA, a solidez da amizade se concretizaria pela relação de compadrio com o amigo natalense. Essa relação, retomada pela qualificação sintética “redes firmes”, representava para Mário um apoio emocional.

O organizador textual “E” em (11MA1), além de marcar a conexão entre as unidades semânticas (proposições e períodos), é empregado para ordenar as partes da representação discursiva no eixo do tempo, indicando a continuidade da relação de amizade. Embora com a função principal de adição, esse organizador temporal promove, no discurso, a progressão textual e sinalizam a evolução da amizade. A continuidade e progressão da amizade são sinalizadas por meio dos conectores que marcam a evolução da relação de “camaradagem” para “prazer de estar juntos” e daí para algo “mais magnífico e raro”. Esses conectores permitem a retomada de referentes para novas designações e, juntamente com o conector argumentativo *mas* (contra-argumentativo marcador de um argumento forte), acrescentam a orientação argumentativa do enunciado. Portanto, a representação da amizade em (11MA1) e nos demais enunciados desse grupo foi construída, sobretudo, por meio da conexão.

Quanto ao emprego do organizador textual “e”, para representar LCC, o seu valor semântico nos enunciados analisados foi mais expressivo como adição. O “e”, cujo emprego predominante foi com valor enumerativo, ou de simples aditivo, em todas suas ocorrências teve papel de fazer a conexão entre proposições e de introduzir novos objetos de discurso, conforme sumarizado no quadro abaixo.

Organizadores textuais		
Enumerativos (simples adição)	Sequenciais	
	Textuais	Temporais
(1MA1), (2MA1), (3MA1), (5MA1), (7MA1), (7MA2), (8MA1), (9MA1), (12MA1)	(3MA1), (5MA1), (6MA1), (8MA1), (10MA1), (11MA1)	(2MA1), (4MA1), (6MA1), (10MA1), (12MA1)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisaram-se as representações discursivas de Câmara Cascudo construídas no discurso de Mário de Andrade, tomando como *corpus* textos da correspondência trocada entre os dois intelectuais. Buscou-se respaldo teórico-metodológico na ATD e em trabalhos de estudiosos dessa teoria. Procedeu-se a uma análise linguística dos textos, que foram segmentados em enunciados. Cada enunciado foi analisado conforme o grupo de representações e partindo do emprego do conector “e”, que embasou a interpretação. Para essa análise, empregou-se a categoria semântica conexão, cuja relação com outras categorias foi compondo significações que contribuiriam para construir as representações discursivas de LCC que emergiram nos textos analisados.

Entendemos que essa pesquisa vem enriquecer os procedimentos teórico-metodológicos da ATD enquanto subdomínio da Linguística de texto, contribuindo para esse campo com uma abordagem que permitiu investigar com maior profundidade a questão da Rd, mais clareza quanto às categorias empregadas e quanto à definição dessas categorias e da representação discursiva.

Acreditamos, também, que o nosso trabalho possa contribuir para aprofundar os estudos sobre o gênero epistolar, em especial sobre a carta pessoal, investigando a respeito das particularidades desse tipo de texto, a sua forma de organização e construção textual-discursiva, caracterizada pelos aspectos de composição do seu plano de texto, pela linguagem e pelo conteúdo que é tematizado.

Outra contribuição dessa pesquisa diz respeito à multiplicidade de valores semânticos que podem ser interpretados com o emprego conector “e”. O “e”, descrito nas gramáticas tradicionais apenas como conjunção com valor de adição, pode adquirir nos textos em que é empregado diferentes valores e papéis semânticos, que vão desde a simples adição até a marcação de sequência temporal. Esse elemento, ainda, ordena as partes da representação discursiva e contribui para a sua construção.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2 ed. rev. e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.
- GRIZE, Jean-Blaise. *Logique et language*. Paris: Ophrys, 1997.
- _____. MORAES, M. A. (org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010.
- NEVES, M.H.M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PASSEGGI, Luis *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli, Quadros. *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. P. 262-312.
- PASSEGGI, Luís. A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos: categorias discursivas da lógica natural para a linguística. In: _____. OLIVEIRA, M. S. (orgs.) *Linguística e Educação*. São Paulo: Terceira margem, 2001. pp. 245-269.
- RODRIGUES, Maria das Graças S; SILVA NETO, João G; PASSEGGI, Luis (orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicação*. São Paulo: Cortez, 2010.

TAVARES, Maria Alice. *E* em cartas escritas por Câmara Cascudo: primeiras considerações versando o conector “e”. In: MARTINS, M. A; TAVARES, M.A. (orgs.). *História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal, EDUFRN, 2012.